



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

“EM QUE CIDADE VOCÊ SE ENCAIXA: CIDADE ALTA OU CIDADE BAIXA?” - MEGACIDADES AFRICANAS X CIDADES DOS “CONDENADOS DA TERRA”

FLÁVIO CARDOSO DOS SANTOS JÚNIOR¹

Resumo: A escrita que ora se apresenta, trata-se de Revisão Literária fruto da disciplina optativa ministrada no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) intitulada Cidades Africanas: Arquitetura e Urbanismo Contemporâneo em África. Para tal, traçamos um breve panorama da África contemporânea no que toca os fenômenos: Pós-Colonialismo, Geopolítica em África, Diásporas Africanas, Pan-Africanismo e Filosofia Africana Contemporânea. Destarte disso, o artigo se propõe a analisar e descrever o contraste – produzido através do planejamento e construção – entre as novas Cidades Globais do continente africano e as populações pobres que habitam tais entornos seja através dos processos de gentrificação e segregação social-espacial/étnico-racial dados pela expulsão financeira e/ou armada, controle da mobilidade e acessibilidade urbana dessas populações menos abastadas aos novos bairros e cidades. A edificação de guetos e bairros étnicos periféricos e o aumento da pobreza e miséria urbana fizeram “ressurgir” os Condenados da Terra. Dessa maneira, percebe-se que a produção contemporânea de arquitetura em África vem cada vez mais a serviço dos interesses do capital estrangeiro que há séculos explora aquele continente.

Palavras-chave: Cidades, Segregação, Arquitetura e Urbanismo.

Introdução:

O título do artigo faz alusão a duas metáforas entre aspas. A primeira é o verso da música “Duas Cidades” (Santana e Carvalho, 2016) que foi gravada pela banda BaianaSystem e faz alusão ao cotidiano de um cidadão pobre em Salvador. A capital baiana tem a topografia marcada por uma falha geológica e por isso é dividida, geograficamente, entre “Cidade Alta e Baixa”, justamente pela acentuada diferença de aproximadamente 100 metros no relevo existente em sua faixa litorânea. A música faz uso do termo “Cidade Alta/Baixa” no “trocadilho” linguístico de duplo sentido das palavras para se referir às diferenças sociais existentes, ou seja, a cidade “alta” aquela pertencente aos ricos e a “baixa” aos pobres.

A segunda metáfora é referência ao clássico de Franz Fanon (1968) intitulado “Os Condenados da Terra” que retrata os efeitos negativos da colonização europeia no continente africano. Países pobres e subdesenvolvidos, nos quais a riqueza “margeia” a miséria e dessa maneira, o colono coloca o colonizado a beira da maldade,

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA). professorflaviocardoso@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

estabelecendo assim uma relação maniqueísta, onde os exploradores seriam: o bem e os explorados: a quiescência do mal, controlada pelo uso da força (FANON, 1968).

Nessa direção, a fim de poder estar identificando e compreendendo, as possíveis causas/efeitos da longínqua desigualdade sócio-econômica em África é que justificamos a escrita desse texto. Para tal, buscamos pistas através dos elementos da Arquitetura e Urbanismo. Por quais razões o binômio: “milionário/miserável” ainda é tão latente a ponto de se construir mega projetos urbanísticos e comerciais no entorno de bolsões populacionais que vivem abaixo da linha de pobreza?

Na tentativa de explicar essa existência dual: “alta/baixa” (riqueza e miséria) num continente dotado de tantas riquezas naturais como minério, petróleo e outros mananciais é que o texto vem organizado em quatro capítulos a partir dessa breve introdução.

A primeira reflexão: *A África contemporânea e seus desdobramentos*. Nesse trecho procuramos desenhar um panorama global da África contemporânea no que toca os fenômenos: Pós-Colonialismo, Geopolítica em África, Diásporas Africanas, Pan-Africanismo e Filosofia Africana Contemporânea no sentido de ter uma visão panorâmica de África atualizada e, portanto romper com aquela imagem de um lugar mítico e “preso” no tempo.

Em *Cidades “Altas” e Cidades “Baixas”* buscamos analisar e descrever o contraste – produzido através do planejamento e construção – entre as novas Cidades Globais do continente africano e as populações pobres que habitam tais entornos seja através dos processos de gentrificação e segregação social-espacial/étnico-racial dados pela expulsão financeira e/ou armada, controle da mobilidade e acessibilidade urbana dessas populações menos abastadas aos novos bairros e cidades, a edificação de guetos e bairros étnicos periféricos e o aumento da pobreza e miséria urbana que fizeram “ressurgir” os “Condenados da Terra” que aqui citamos como a população explorada e excluída.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Em seguida, trazemos: *Construindo uma África futurística (para que e para quem?)*, onde refletimos acerca de algumas produções contemporâneas de arquitetura em África que estão sendo produzidas a serviço dos interesses do capital estrangeiro. Por derradeiro explanamos nossas Considerações (Sem)Finais na tentativa de poder compreender e explicar até onde a Arquitetura e Urbanismo, enquanto narrativa, conceito e produção, vêm sendo usados a serviço dos interesses políticos e sócio-econômicos que querem construir uma “África do futuro”. Boa leitura!

A África contemporânea e seus desdobramentos

O continente africano possui trinta milhões de quilômetros quadrados (UNESCO, 2017, p.21), o terceiro mais extenso e o segundo mais populoso do planeta e é banhado pelos oceanos: Atlântico e Pacífico e pelos mares: Mediterrâneo e Vermelho. Tem sua economia voltada para a agricultura, pecuária; mineração de: ouro, diamante, urânio, níquel e outros minerais; possui grandes reservas de petróleo, gás natural e fosfato; tem enorme manancial de biodiversidade e também promove o turismo por conta de sua beleza natural.

Antes dos europeus alguns outros povos já exploravam o continente africano, como os árabes, por exemplo, que enriqueciam escravizando pessoas, saqueando e extraíndo matéria primas. Essa dinâmica estabeleceu diversas rotas de comércio que, por um lado aniquilou e extorquiou, mas por outro acabou contribuindo para o povoamento e estabelecimento de eixos econômicos, que posteriormente foi motivo de cobiça do europeu.

Destarte disso, a África sempre foi “alvo de crescente rivalidade européia”. Repartir o “magnífico bolo” sempre foi motivo de disputa e que motivou diversos conflitos armados tanto no processo de conquista e dominação quanto nas retomadas de libertação e independência das colônias exploradas que ceifaram a vida de milhares de pessoas (MEREDITH, 2017).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Os europeus “não queriam apenas trocar bens, mas exercer controle político direto sobre a África” (UNESCO, 2017, p.7), tanto que o processo de colonização teve efeitos danosos e irreparáveis tanto no sentido econômico quanto nos aspectos de ordem social e político, pois como afirmou Nkrumah (1977): “[...] a fim de facilitar a exploração, os colonialistas impediram todo o progresso social e cultural nas colônias. Restauraram e preservaram formas arcaicas de relações sociais e em seguida introduziram modos de relações sociais capitalistas...” (p.15). Era preciso não só manipular fisicamente, mas implantar uma ideologia que justificasse e perpetuasse os interesses do dominador.

Após a Segunda Grande Guerra (1939 a 1945) as colônias africanas gradativamente foram se emancipando. Paralelamente a esse processo emerge o fenômeno cultural conhecido como Pós-Colonialismo. Esse surge com um arcabouço teórico em contrapartida aos efeitos maléficos do Colonialismo nos campos políticos, artísticos, filosóficos e literários. O Pós-Colonialismo aponta para direção de uma filosofia e epistemologia pautadas no paradigma de autonomia e emancipação da África a partir do rompimento com o eurocentrismo.

Vale ressaltar que a mudança de mentalidade se deu de maneira lenta e encontrou muita resistência para ser aceita. Como prova disso podemos citar no campo da geopolítica o Apartheid, na África do Sul, que foi um regime de segregação étnico-racial, pautado no racismo que perdurou entre os anos de 1948 a 1994 e fazia uso da força da lei. Áreas comerciais, industriais, residenciais e espaços públicos eram demarcados e as pessoas negras, em 1970 tiveram sua cidadania retirada passando a serem chamados cidadãos dos dez povos africanos: “Bantustões” que representavam 13% do território, enquanto as pessoas brancas tinham direito a 87% dos demais espaços. Com a iniciativa do líder político Nelson Mandela o regime foi extinto e medidas afirmativas foram tomadas, porém os índices de pobreza ainda continuam altos, principalmente entre negros, embora tenha aumentado também entre os brancos. Além dos conflitos por moradia, há muita tensão quanto às pessoas em situação de refugio que chegam ao país.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Nesse sentido, lembramos que existiu um fluxo migratório das Américas e Europa em direção ao continente africano. O que se conhece como Segunda Diáspora. A Primeira Diáspora se deu a partir do início da Idade moderna até o final do século XVIII, onde homens e mulheres eram escravizados, vendidos e transportados nos porões de navios que navegavam pelo Oceano Atlântico para diversas partes do mundo, principalmente as Américas (GIROY, 2001 e HALL, 2003). Atualmente fala-se na Terceira Diáspora, que vem se dando no campo da virtualidade, onde a Cultura Afro está conectada com todo o mundo “Atlântico” (GUERREIRO, 2010).

Para debater a respeito de segregação em África se faz necessário lembrar o importante fenômeno político conhecido como Pan-Africanismo que surge após o fim da Primeira Grande Guerra Mundial e teve como principal idealizador William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois. Paim (2016) nos narra que o Pan-Africanismo:

“nasceu da oposição aos tráficos escravistas nas Américas, Ásia e Europa, onde foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir protestos e revoltas de cunho internacional, reivindicando a libertação dos africanos escravizados, bem como, a liberdade e a igualdade das populações africanas no estrangeiro. No seu início, o Pan-africanismo era apenas uma reduzida manifestação de solidariedade, restrita às populações de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos.” (p.208).

Na mesma direção, é interessante ressaltarmos a existência de uma *Filosofia Africana Contemporânea*, (UNESCO, 2017, p.24) e por essa razão há em África uma Filosofia política, moral e social pautada na ética, estética e metafísica e também impressionada com os processos turbulentos de abarcar as identidades modernas ao mesmo passo em que pode se pensar em valorizar e dar voz às culturas e saberes tradicionais (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002). Nesse sentido, é interessante que o filósofo africano faça uso de uma epistemologia que tenha, segundo Kaphawani e Malherbe, (2002), condições de:

“desenvolver e exercitar o conceito de racionalidade apropriado para a sua sociedade, tendo uma consciência crítica das tradições intelectuais e cognitivas tanto da sua sociedade como de outras (Note que “consciência crítica” não é apenas algo negativo. Ela inclui também apreciação e valoração positiva de qualquer coisa boa na tradição).” (p.5).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Vale lembrar que seria ingenuidade pensar que existe uma única filosofia, bem como epistemologia para um continente tão extenso e diverso como a África. Há de se levar em consideração que os conhecimentos emergem de uma infinidade de culturas, caminhos e realidades diferentes e que variam de lugar para lugar, embora a epistemologia seja um estudo de conhecimento universal, cada lugar possui um contexto (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002). É fazendo uso dessa rede de conceitos epistemológicos que nos propomos a analisar as desigualdades sócio-econômicas a partir da arquitetura que vem sendo produzida e vendida em África, como veremos a seguir nas próximas páginas.

Cidades “Altas” e Cidades “Baixas”

Nesse momento da escrita faremos um trabalho imagético, onde estabeleceremos um diálogo entre gravuras, como o propósito de alcançar nosso objetivo maior nessa produção que é denunciar a disparidade sócio-econômica existente em África. Para tal, utilizaremos como critério de seleção as cidades que foram elencadas no Plano de Curso da disciplina Cidades Africanas: Arquitetura e Urbanismo Contemporâneo em África.

Usaremos fotografias extraídas da internet no sentido de pensar que o escrito pode conversar com o fotografado. Leite (1998) nos provoca afirmando que o “[...] texto verbal e o visual são polissêmicos e complementares, sendo cada um mais adequado a determinadas utilizações...” (p.43) e que a fotografia, ou o desenho podem permitir:

“uma penetração de significados por meio da memória espacial e da associação de imagens. O exercício de análise das fotografias estimula a percepção visual e habitua a enxergar na foto uma radiografia com sugestões de significados invisíveis que

Dessa maneira, iremos romper com o senso comum que habita o imaginário coletivo, onde se remete a uma África mítica, pobre e inerte. Ao contrário do que a mídia sensacionalista vende, o continente africano é dono de um grande manancial natural, conforme acima já dissemos e constataremos através do exame iconográfico que aqui estabelecemos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Não distante disso, vale pontuar que existe uma demanda no mercado imobiliário africano de se construir o que chamaremos de “Megacidades” ou “Cidades Globais”, que nada mais são que construções com uma população de pelo menos 10 milhões de pessoas. Estas estão surgindo em toda a África: Cairo no Egito, Kinshasa na República Democrática do Congo e Lagos na Nigéria já são megacidades, enquanto Luanda, em Angola, Dar es Salaam, na Tanzânia, e Johannesburgo, na África do Sul, atingirão o status até 2030, segundo as Nações Unidas (ONU, 2019).

Modelos espaciais futuristas que projetam uma forma urbana arrojada, porém que trazem consigo consequências, como a gentrificação, dilatação da desigualdade social e criação de favelas. O capital estrangeiro que visa o lucro não tem preocupação com a segregação sócio-espacial produzida com a construção de seus mega projetos.

A violência urbana é uma das principais problemáticas. Os índices de crimes são similares aos do Brasil, inclusive em se tratando de homicídios e tráfico de drogas. As classes de média e alta renda do país buscam segurança em condomínios fechados, bairros isolados e vida própria. As cidades sul-africanas, por exemplo, foram apontadas como as mais desiguais do mundo, segundo relatório da ONU (2019).

Soma-se a isso o alto índice de desemprego (26%) e corrupção por parte das lideranças locais, um dos fatores mais complicadores que corroboram para a sonegação de impostos, atividades extrativistas ilegais e desvio de recursos e verbas públicas.

A seguir, visitaremos algumas Cidades Globais planejadas para serem construídas em África, algumas ainda estão no projeto, outras conseguiram sair da planta e se edificaram. São elas: Cidade do Cabo, Modderfontein New City e Pretória (África do Sul); Le Cite du Fleuve e Kinshasa na República Democrática do Congo (África Central); Eko Atlantic, Abuja e Lagos na Nigéria (África Ocidental); Appolonia City, Hope City e Acra em Gana (África Ocidental); Kigamboni City, Safari City, Dodoma, Arusha, Dar es Salaam na Tanzânia (África Oriental); Konza Technology City, Tatu City e Nairóbi no Quênia



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

(África Oriental); Ebene Cyber City e Port Louis nas Ilhas Maurícias (África Oriental). Boa viagem!

Cidade do Cabo:

Logo na primeira cidade escolhida podemos observar uma “arquitetura do apartheid”. Em qualquer cidade, o espaço é uma mercadoria, e nas cidades da África do Sul, como, no exemplo citado, o espaço também é histórico. O índice de desenvolvimento da Cidade do Cabo é um dos maiores do mundo, porém a infraestrutura da cidade foi criada para manter vários grupos separados uns dos outros.

Vista aérea da Cidade do Cabo (Cape Town) – Imagem 1



Fonte: Domínio Público – Internet

O projeto é pensado para dificultar o acesso aos distritos residenciais, áreas de lazer e empresas à aqueles que moram nos subúrbios. Percebe-se na gravura acima uma faixa que separa o assentamento periférico da cidade central.

Modderfontein New City:
The Modderfontein City – Imagem 2



Fonte: Domínio Público – Internet

Não chegou a sair do papel, mas foi projetada para ser a “Nova York” da África, teve uma estimativa de custo de 7,8 bilhões de dólares. Os investidores imaginaram que a cidade, localizada na região de Joanesburgo, poderia ser um centro global e funcionaria como novo centro comercial de Joanesburgo (substituindo Sandton) e assim estabelecer relações com grupos corporativos asiáticos, por exemplo. Pretória:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Possui cerca de 3 milhões de habitantes, foi governada por Nelson Mandela (1994 a 1999) e é a capital administrativa da África do Sul. No ano de 2010 sediou a Copa do Mundo de futebol, onde foram investidos cerca de 16,5 bilhões de rands (3,8 bilhões reais) com a construção de estádios e sistema de transporte urbano para subsidiar o evento, porém a cidade não consegue erradicar a pobreza nem tampouco os problemas de moradia e saneamento básico, por exemplo. Em contrapartida, atrai altos investimentos do capital estrangeiro na construção de cassinos, hotéis e mansões. O bilionário Douw Gerbrand Steyn, fundador do BGL Group, uma companhia financiadora e seguradora que tem base no Reino Unido, construiu um castelo particular de 250 milhões de rands. No seu entorno existem populações vivendo abaixo da linha da pobreza, como podemos visualizar abaixo nas fotografias.

Cidade alta e cidade baixa: castelo e favela do subúrbio de Pretória – Imagens 3 e 4



Fonte: Domínio Público – Internet
Le cite du Fleuve:

Desenhada para ser construída em 2008 no subúrbio de Kinshasa na República Democrática do Congo numa área pantanosa recuperada do Rio Congo. Seria uma ilha ligada ao aeroporto e teria aproximadamente 250.000 habitantes. Ainda encontra-se em construção.

Le cite du Fleuve, entre o projeto e a realidade local – Imagens 5 e 6



Fonte: Domínio Público – Internet
Kinshasa:

Maior cidade de língua francesa no mundo, superando até mesmo Paris. Atualmente possui 11,86 milhões de habitantes, sendo que destes aproximadamente 8 milhões vivem abaixo da linha da pobreza, o que gera um abismo social. Percebe-se nas imagens abaixo, um centro nervoso urbano pavimentado e uma periferia sem asfaltamento.



**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**

Vista aérea de Kinshasa – Imagens 7 e 8



Fonte: Domínio Público – Internet
Eko Atlantic:

Planejada para ser, na cidade de Lagos – Nigéria, um novo conceito em balneário aquático. Está sendo construída em área sobre o Oceano Atlântico. A península contará com cerca de 250 mil habitantes e um fluxo diário de 150 mil passageiros. Trata-se de parceria entre o capital estrangeiro chinês e o poder público, num país onde as desigualdades sociais são notórias.

Projeção do que será Eko Atlantic - Imagem 9



Fonte: Domínio Público – Internet
Abuja:

Capital da Nigéria, construída na década de 1980. A cidade é dividida em duas zonas, uma central, onde ficam os prédios do governo e outra periférica onde se localizam as moradias, o comércio e demais serviços. A Nigéria é conhecida mundialmente tanto pelas imagens de pobreza, quanto por ter os maiores bilionários do continente africano. Uma terra cheia de riquezas que ao mesmo tempo hospeda a fome.

Do luxuoso hotel à família pobre: contraste social da capital Abuja – Imagens 10 e 11



Fonte: Domínio Público – Internet
Lagos:

Dois cartões postais em Lagos: o cartão postal da prosperidade e o da fome – Imagens 11 e 12



**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**



Fonte: Domínio Público – Internet

Com quase 10 milhões de habitantes é a principal economia da Nigéria, sendo até 1991 a sua capital. Apesar de ser o centro econômico do país, cerca de 60% da população vive com menos de 1 dólar por dia.

Localizada na região de Acra (Gana), teve como agentes de produção do espaço o britânico Renaissance Group (conglomerado de empresas privadas) e o Rendeavour, grupo ganês que executa a Appolonia city. Foi estimado um gasto de 600 milhões de dólares numa área de 10 km² para atender a classe média emergente local.

Vista aérea de Appolonia City – imagem 13



Fonte: Domínio Público - Internet
Hope City:

A “Cidade da Esperança” foi planejada para ser edificada na cidade de Prampram em Gana, numa parceria entre governo e iniciativa privada. As torres teriam o formato das casas populares e antigas do país. O projeto de construção chegou a ser comparado com a Pirâmide de Gizé e seu idealizador o empresário Roland Angabire com os Faraós Amehotp e Akhenaton do antigo Egito, porém o projeto também não saiu do planejamento. Seria mais uma mega construção com bolsões de pobreza no entorno conforme veremos a seguir, também, na capital Acra.

Hope City: Mega projeto inspirado na arquitetura tradicional local – Imagens 14 e 15



Fonte: Domínio Público - Internet
Acra:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A capital de Gana é a cidade mais extensa e populosa do país, tendo 2.3 milhões de pessoas, como aponta o censo de 2012. Trazemos dois exemplos para ilustrar a desigual distribuição de renda da cidade. O primeiro caso é o hotel de 5 estrelas intitulado Gold Coast City – Downtown Accra que foi construído entre os anos de 2016 e 2017 para ser um centro de uso misto de negócios.

Não muito diferente de outras cidades africanas, em Acra, comumente desapropria-se terras de uso comum da população em detrimento de mega projetos como a construção do Gold Coast City. Há também um projeto higienista que promove a expulsão de vendedores informais da área central da cidade para a periferia o que acaba corroborando com a manutenção e existência de áreas marginais como a do segundo exemplo que ilustramos: depósitos de lixo eletrônico que reúnem grande quantidade de celulares, televisores, computadores e outros aparelhos destruídos que migram da Europa e América do Norte em containeres, que entram no país como “doação” e sustenta a indústria da pobreza ganense, pois a colheita de fio cobre “alimenta” mais de 25% dos habitantes que usam os lixões como fonte de subsistência. Certamente os catadores de cobre não se hospedam no Gold Coast City...

Dois vizinhos: Gold Coast City e o cemitério de eletrônicos de Acra – Imagens 16 e 17



Fonte: Domínio Público - Internet

Trata-se de zona internacional de negócios que fica localizada numa área de conexão com o Oceano Índico e a cidade de Dar es Salaam e é formada por quatro bairros, a saber: negócios, centro comercial, administrativo e um bairro de órgãos do governo. Também não teve sua arquitetura pensada nas peculiaridades do povo da região que vive na informalidade e amargando o desemprego.

Kigamboni City- Imagens 18 e 19



**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**



Fonte: Domínio Público - Internet
Safari City:

Cidade Satélite da Tanzânia que possui narrativa de cidade moderna e foi desenvolvida para lidar com os problemas de expansão urbana da vizinha Arusha. Teve o Monte Kilimanjaro como inspiração no design. Faz forte apelo ao turismo internacional, que termina gerando segregação interna, pois faz uso dos recursos naturais como elemento divisor entre zonas residenciais abastadas e pobres.

The Safari City e o comércio informal na Tanzânia– Imagens 20 e 21



Fonte: Domínio Público - Internet
Dodoma:

Localizada no centro da Tanzânia e encontra-se em processo para ser a capital do país, desde 1973 onde aconteceu um plebiscito. É ponto estratégico comercial por possuir cruzamento da grande estrada norte entre Arusha e Mbeya e a estrada oeste de Daer es Salaam para Mwanza e Ruanda. A cidade está localizada no centro do país e por essa razão contribui para o seu desenvolvimento. Um atrativo essencial para o crescimento regional e estimulador de investimentos estrangeiros.

Universidade de Dodoma e o The Bunge (Parlamento Nacional) – Imagens 22 e 23



Fonte: Domínio Público - Internet
Arusha:

Localizada em cima do Monte Meru a 650 km da cidade de Dar es Salaam e nas proximidades do Kilimanjaro, possui 285 mil habitantes. Atualmente é um importante



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

centro africano de diplomacia, negócios e turismo, mas que convive com a falta de infraestrutura urbana e transporte coletivo, por exemplo.

Arusha: Duas realidades distintas – Imagens 24 e 25



Fonte: Domínio Público - Internet
Dar es Salaam:

Capital da Tanzânia até 1973, ainda abriga a sede do Parlamento. Uma cidade grande, porém marcada pela imensa desigualdade sócio-econômica como tantas outras em África.

A grande cidade e o comercio informal gerado pelo desemprego – Imagens 26 e 27



Fonte: Domínio Público - Internet
Konza Technology City:

Grande centro de tecnologia planejado pelo governo do Quênia para ser construído há 64 km ao sul de Nairóbi, a caminho da cidade portuária de Mombaça em 2.000 hectares (5.000 acres) de terra. Estima-se que custarão 1,2 trilhões de xelins quenianos (aproximadamente 14,5 bilhões de dólares). É comercializado como um dos principais impulsionadores do plano de desenvolvimento nacional do Quênia, conhecido como “Visão do Quênia 2030”.

Konza Technology City e a pobreza no Quênia - Imagens 28 e 29



Fonte: Domínio Público - Internet
Tatu City:



**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**

Um contrato de vários milhões de xelim, a empresa Stecol pretende concluir a construção da cidade. Uma infraestrutura com estradas, água, esgoto, iluminação pública e gestão de águas pluviais. Nas proximidades da construção existe a comunidade de Kijani Ridge.

Tatu City e seus futuros vizinho - Imagens 28 e 29



Fonte: Domínio Público - Internet
Nairóbi:

Capital do Quênia possui um centro urbano e um Parque Nacional e é muito requisitada por pessoas do mundo inteiro por conta das viagens de safári. Em contrapartida, estima-se que metade da população vive em favelas.

A cidade e a feira na rua sem calçamento - Imagens 30 e 31



Fonte: Domínio Público - Internet
Ebene Cyber City:

É um dos centros empresariais das Ilhas Maurício. Atrai empresas do setor de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) e sedia diversos bancos, empresas de consultoria/contabilidade e multinacionais.

A cyber cidade e os segregados que vivem em seu entorno - Imagens 32 e 33



Fonte: Domínio Público - Internet
Port Louis:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

É a maior cidade e capital das Ilhas Maurício. Sobrevive das atividades portuárias, comércio e turismo por possuir uma exuberante paisagem. A atividade financeira também dá destaque e se coloca como uma das mais importantes da África.

Port Louis - Imagem 34



Fonte: Domínio Público - Internet

Construindo uma África futurística (para que e para quem?)

Martim Meredith (2017) vai denunciar a existência de um novo estilo de vida no continente africano que ele denomina “*vida platinum*” (p.669). A China “invade” o “quintal da Europa” com a motivação de explorar matéria prima como, por exemplo, petróleo e em longo prazo tornar-se o novo “protagonista” econômico em África. Os chineses estabelecem laços com a comunidade local promovendo a construção de estádios de futebol, escolas, rodovias, fábricas, ferrovias, refinarias, comércios diversos e comprando imóveis, terrenos e fazendas (MEREDITH, 2017).

Os produtos chineses, comercializados na África, se popularizaram a ponto de movimentar a cifra de 115 bilhões de dólares (em 2010). Trata-se de artigos mais baratos e que acabam fragilizando o comércio e a indústria local. Os chineses estabelecem uma forma peculiar de conquistar o território, pois são dispostos a conduzir diálogo com as ditaduras, regimes e déspotas locais sem se comprometer politicamente, ou seja, uma nova forma de imperialismo, dessa vez velada e menos sangrenta e que acarretará numa nova “partilha do continente”. Outro fato importante de citar é a presença de uma rede de corrupção local que se beneficia com o desvio de petróleo, sonegação de impostos, corrupção que acaba beneficiando e formando uma “elite local” de milionários que usufruem dessa chamada “*vida platinum*” (MEREDITH, 2017).

Nesse sentido, podemos analisar que por mais que tenham acontecido emancipações políticas com os países dominadores, principalmente os europeus, e se tenha dado o



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

rompimento, mesmo que parcial, de relações de exploração comercial e de mão de obra, a África, pelo seu potencial, continua sendo motivo de cobiça estrangeira.

A produção contemporânea de arquitetura em África vem sendo pensada para atender os interesses do capital forasteiro que há séculos explora aquele continente, seja ele oriundo da Europa, Ásia, Oriente Médio, ou até mesmo dos EUA. A arquitetura constrói a imagem do que quer se vender, monumentos, arquitetura desempenhando um papel no jogo de resignificação da África: as cidades, como cita Lefevbre (2001) acabam sendo uma forma de reprodução do capital.

Nessa perspectiva, é que se pensa uma nova “narrativa do continente” onde os agentes da produção planejam novos conceitos-chave de cidade para serem construídas em pontos estratégicos de turismo ou rotas comerciais internacionais.

Para atender a essa nova demanda de mercado imobiliário (que visa atingir grandes investidores) e poder vender esses projetos arquitetônicos é que se investe em desenhos urbanísticos que tenham um apelo simbólico, como, a exemplo, a forte e abundante da presença da água que acaba sendo sinônimo de prosperidade e fluxo contínuo de energia e rompe com a imagem de uma terra árida, pobre e sem vida, e por isso digna de investimentos.

Outro exemplo que pode ser dado é o uso das fortes cores vermelhas simbolizadas pelo sol rubro e terra avermelhada. O traçado das plantas inspiradas na arquitetura tradicional e local também remete a uma raiz mítica que fala, de forma silenciosa, que a África possui ainda sua essência encantadora, porém resignificada.

Destarte disso, citamos a seguir alguns projetos arquitetônicos contemporâneos que estudamos na disciplina e que nos remetem a uma nova África. Estes foram desenhados através de concursos públicos de arquitetura, premiações de projetos de arquitetura realizadas pela Africa Union Of Architects (AUA). Todos planejados, construídos e mantidos pela iniciativa pública, privada ou até mesmo auto-geridos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

São eles: Museu Umkhumbane, Capela Bosjes, Freedom Park e a Passarela pelas Copas das Árvores Centenárias de Kirstenbosch (África do Sul); Museu da Moeda, DYEJI em Angola (África Ocidental); Lycée Schorge Secondary School em Burkina Faso (África Ocidental); Pavilhão de Bambu na Costa do Marfim (África Ocidental); One Airport Square em Gana (África Ocidental); Residência do Novo Artista no Senegal (África Ocidental); The Manta – O dormitório Subaquático na Tanzânia (África Ocidental); Embaixada Holandesa em Moçambique (Sudoeste da África); Villa Z no Marrocos (Noroeste da África); Hotel Sandibe Okavango Safari em Botswana (África Meridional); Catedral do Coração Sagrado no Quênia (África Oriental) e o Mercado Lideta na Etiópia (África Oriental).

Cada um com sua especificidade, função e peculiaridade, porém trazem algumas características, às vezes, em comum como luminosidade, ventilação, uso de material local e inspiração nas arquiteturas tradicionais.

Considerações (Sem)Finais

Gostaríamos deixar claro nesse derradeiro contato com o leitor que a escrita desse estudo não teve em momento algum objetivo de depreciar o continente africano, pelo contrário, o objetivo é justamente mostrar a potencialidade dessa terra milenar que hoje transborda o mundo. A África está em toda a parte do planeta, seja pela presença de sua gente que foi obrigada a sair dela, seja pela gastronomia, religião, dança, música, literatura, filosofia e demais elementos da pertença étnica que ajudam na continuidade e formação do processo cultural da humanidade.

A intenção é provocar, através do choque de realidades, uma reflexão e debate acerca dos fatores que possam explicar a existência da bipolaridade sócio-econômica num continente tão prospero e ao mesmo tempo hospedeiro da fome. A quem interessam a manutenção dessa pobreza, quais os jogos de interesses?



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A priori, a construção de mega projetos gera uma temporada curta de empregos para a população. Depois de edificadas as cidades a demanda de mão de obra diminui. Sem falar que a arquitetura de tais cidades é pensada na lógica da exclusão, sendo carentes de mobilidade urbana, equipamentos de lazer, saúde e demais necessidades básicas. Os trabalhadores de baixa renda são obrigados a morar no entorno desses centros. A maioria faz o movimento pendular entre o emprego (quando tem) e as cidades dormitórios. O trabalho informal também revela o alto índice de desemprego que alimenta a violência urbana.

Arriscamos demonstrar, através do planejamento e construção das grandes cidades, que emergem na paisagem urbana africana, narrativas e conceitos que vêm sendo usados a serviço dos interesses políticos e econômicos, principalmente do capital estrangeiro que insiste em construir uma “África do futuro” sem perder a manutenção da tradicional “máquina do lucro” que há séculos funciona alimentada por África e que legitima a lógica da existência de “duas cidades”, uma que leva uma “vida platinum” e outra que dorme sem as condições mínimas de sobrevivência.

Dessa maneira, se faz necessário um olhar crítico pautado nas epistemologias produzidas em África no sentido de se debruçar na emergência da emancipação do continente africano para que o mesmo não construa um futuro com amarras no passado de exploração e derramamento de sangue.

Referências

- DU BOIS, William Edward B. *As Almas do Povo Negro*. Porto Alegre: Zero Hora, 1998.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GUERREIRO, GOLI. *Terceira Diáspora - O porto da Bahia*. Salvador: Editora Currupio, 2010.
- GIROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. **African epistemology**. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 219-229.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

LEFEVBRE, Henry. ***O direito à cidade***. São Paulo: Centauro, 2001.

MEREDITH, Martin. ***O Destino da África***. Cinco Mil Anos de Riqueza, Ganâncias e Desafios. São Paulo: Zahar, 2017.

NKRUMAH, Kwame. ***A Luta de classes em África***. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1977b.

PAIM, Márcio Luis. ***Pan-Africanismo: Política, libertação e golpes de estado***. Revista TEL, Irati, v. 7, n.1, p. 207-229, jan. /jun. 2016.

SANTANA, Marcelo; CARVALHO, Roosevelt. ***Dois Cidades***. Salvador: Gravadora Independente, (3,46min), 2016.